

SOPHIA

SOPHIA

sophiasophia.pt

BEGIN

UTILIZADOR Aponta a câmara de um dispositivo móvel para uma unidade textual ou introduz manualmente na caixa de texto; Seleciona a opção submeter;

SOPHIASOPHIA Parte a unidade textual em palavras; Verifica se há palavras que correspondem às palavras-chaves pré-introduzidas na base de dados; Devolve a unidade textual com as palavras-chaves identificadas sublinhadas;

UTILIZADOR Seleciona uma das palavras-chaves sublinhadas;

SOPHIASOPHIA Devolve um poema aleatório que contenha a palavra-chave selecionada;

*BEGIN * LOOP*

UTILIZADOR Lê o poema; Seleciona uma das palavras-chaves que aparecem no final do poema;

SOPHIASOPHIA Procura as palavras-chaves que se relacionam linguisticamente com a palavra-chave selecionada; Seleciona uma das palavras-chaves; Devolve um poema aleatório que contenha a palavra-chave;

*END * LOOP*

UTILIZADOR Seleciona a opção guardar;

SOPHIASOPHIA Devolve uma imagem com o *continuum* de poemas gerado;

OR

UTILIZADOR Seleciona a opção recomeçar;

SOPHIASOPHIA Recomeça.

Tomando SOPHIA como objeto central, esta nova edição do projeto Impressões Expressas desdobra-se entre a referência a Sophia de Mello Breyner e o conceito homônimo proveniente do termo grego “sofós” o qual significa “o que detém sabedoria”.

SOPHIA SOPHIA é, assim, uma aplicação/ensaio que se traduz num convite ao saber da obra de Sophia. Contudo, não a um saber cronológico, bibliográfico ou biográfico da autora, mas a um saber que se constrói a partir de relações linguísticas.

Tendo como porta de entrada excertos de poemas de Sophia de Mello Breyner inscritos na rampa da Feira do Livro do Porto, SOPHIA SOPHIA concretiza-se numa aplicação web que, a partir da sua função de reconhecimento de texto, permite ao público da Feira do Livro entrar num espaço digital onde a sua obra poética se transforma numa coleção de textos isenta de ordem, princípio ou fim. Um espaço digital onde, através de ferramentas de mineração de texto, os poemas são categorizados e reagrupados, com o objetivo de se encontrarem relações linguísticas as quais permitem que se percorram novos e sempre diferentes caminhos pelos poemas de Sophia de Mello Breyner.

SOPHIA SOPHIA utiliza a ferramenta de mineração de texto SOBEK disponível em: sobek.ufrgs.br



LITERATURA, WEB E EXPERIÊNCIA URBANA

Andreia Garcia

Esta é a segunda edição do Impressões Expressas e o cariz interpretativo literário, assim como a apropriação de abordagens à performance do uso, continuam a assumir-se como as principais premissas do projeto, este ano, dedicado a Sophia de Mello Breyner.

Cada vez mais os universos literários, como os expositivos, se vão cruzando com as questões da tecnologia. Daí que o projeto SOPHIA SOPHIA da autoria de Sara Orsi seja pertinente porque explora, de forma assumida, este debate contemporâneo. Não se colocando à margem de processos que lhe são muito íntimos, com recurso às técnicas de programação e manipulação web, a artista permite que as obras de Sophia de Mello Breyner sejam redescobertas sobre uma experiência provocadora de novas ressonâncias. Porém, esta não é uma intervenção que colide com a poesia da autora, pelo contrário, vai ao encontro da sua obra, e dispõe, de um modo subtil, um novo tempo, um novo significado, uma minuciosa construção a partir do acaso de uma linguagem de programação tecnológica mais complexa e impercetível ao público.

A partir do que é visível – a pintura de trechos no chão da rampa dos Jardins do Palácio de Cristal –, a experiência inicia-se. Parte, portanto, do tecido do lugar e, por via da tecnologia, com recurso ao smartphone, passa para um segundo plano, cujo grau da interferência humana acontece. Esta relação, que explora e conflui o corpo, o espaço e a literatura, interroga o público sobre a criação do novo a partir de Sophia de Mello Breyner.

As viagens, infinitas, através da aplicação web não reproduzem a obra da poetiza, mas utiliza a tecnologia como um sistema que parte da mão humana e cria novas composições, novas combinações, novas formas de olhar, novas formas de compreender, novas relações com o parque, novas formas de celebrar.

ANDREIA GARCIA é arquiteta, curadora e investigadora em áreas da arquitetura, da cidade e da cenografia urbana. Fundadora do atelier Andreia Garcia Architectural Affairs tem-se especializado na disseminação da arquitetura através da investigação, da prática curatorial e de projetos editoriais. Em 2012 coordenou o projeto Smaller Cities na Capital Europeia da Cultura e em 2015 o Projeto Memória que celebrou

o centenário do Theatro Circo de Braga. O doutoramento em Teoria e História da Arquitetura (FAUL, 2015) recebeu o Prémio Professor Manuel Tainha pela melhor Dissertação no Doutoramento em Arquitetura de 2014/2015. Desde 2016 é cofundadora da Galeria de Arquitetura, um espaço independente dedicado à reflexão sobre a arquitetura, no Porto.

www.andreitagarcia.com

**SOPHIA SOPHIA,
UM CONTINUUM DE FRAGMENTOS**
Sara Orsi

A experiência deve ser considerada como um continuum de fragmentos, dispersões, pedaços, cuja união tem algo de enigmático.

— José A. Bragança de Miranda

Começemos por Eros o deus do amor, das ligações, figura da união universal, da ordem. Eros é também o deus das epifanias e dos aparecimentos, uma força que nos lança para o outro, para fora de nós. Nele se pressupõe o ideal da harmonia, da universalidade, de um todo. ~~Consta que surge do Caos~~, o lugar do vácuo, do vazio ou da desordem, esse lugar onde não há ligações. Ambos, Eros e Caos, representam forças opostas e a sua relação é matéria central na problematização da experiência contemporânea quer política, social, filosófica e/ou artística.

Assim sendo, findo o projeto moderno, em parte com a entrada em crise da ideia de uma possível ordem universal, a experiência contemporânea despedaçou-se num *continuum* de fragmentos que se constrói por constantes e mutáveis ligações. Com tal fragmentação, o que fora definido como perene passou a um estado de impermanência, fenómeno ~~este exponenciado pela massificação das novas~~ tecnologias, as quais ao se constituírem enquanto objetos algorítmicos e processuais, contrariamente às tecnologias até aí vigentes, permitem uma relação dinâmica com a informação. Neste processo, instituições, arquivos ou acções como ~~a de obra, que determinavam e petrificavam~~ as leis, os costumes, a moral, a memória e a arte, foram postos em causa, regressando a ambiguidade e a indeterminação como valores, e também a estética do caos, da desordem e da aleatoriedade.

Emerge, então, a força do dispositivo, essa “rede que se estabelece entre as coisas” (Agamben, 2005), ou essa espécie de “novelo ou meada” que “implica linhas de força” (Deleuze, 1990). Uma rede que desloca o foco dos objetos, das entidades ou dos seres para as sempre possíveis e mutáveis relações entre eles. “Não é mais uma questão de reactivar objectos, mas relações,” afirma Wolfgang Ernst (2013) ao referir que a tarefa dos novos arquivos é “ligar significativamente diferentes nós de informação – uma variável arte de arquivo.” É nesse variável espaço, que se reconhece politicamente tão suspeito, mas artisticamente tão apetecível, que se encontra **SOPHIA SOPHIA**, nesse lugar enigmático onde acontecem as relações, onde se deslocam as perspetivas, onde se dão as epifanias e os aparecimentos.

Neste sentido, ~~SOPHIA SOPHIA~~ consiste no exercício de fragmentar uma obra e de se construir um dispositivo que a volte a ligar num *continuum* de fragmentos. Para tal, recorre-se a uma ferramenta de mineração de texto, a qual utiliza algoritmos, que implicam conhecimentos linguísticos e estatísticos, para a extração de informação relevante de texto através da identificação de termos relevantes e a relações entre eles. Por fim, no lugar do vácuo e da ~~desordem~~, entre a navegação do utilizador e as relações linguísticas dos termos identificados ou entre a escolha e a aleatoriedade, um *continuum* de poemas de Sophia Mello Breyner é gerado. Uma possibilidade de ordem, de harmonia, um todo ou um efêmero universo que apenas pode perdurar caso fique registado.

SARA ORSI desenvolve o seu trabalho a partir da utilização da tecnologia digital como meio para expressar as suas investigações nas áreas dos novos media e dos estudos culturais. Exerce também atividade enquanto web-designer e web-developer e é co-fundadora

do Arquivo 237, espaço cultural dedicado à arquitetura, design e tecnologia. Licenciou-se em Arquitetura pela FAUP e realizou o mestrado em Design de Comunicação e Novos Media na FBAUL.

www.saraorsi.com

Referências:

- Agamben, Giorgio. 2005. "O que é um dispositivo;"
- Deleuze, Gilles. 1990. "Post-Scriptum Sur Les Sociétés De Contrôle;"
- Eco, Umberto. 1991. *Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*;
- Ernst, Wolfgang. 2013. *Digital Memory and the Archive*;
- Miranda, José A. Bragança de. 2002. "Elementos para uma Genealogia das Ligações."



Esta edição surge no
contexto da segunda
edição do projeto
Impressões Expressas
para a Feira do Livro,
2017.

Edição e Curadoria
Andreia Garcia

Textos por
Andreia Garcia
e Sara Orsi

Autoria
Sara Orsi

Design gráfico
Ana Schefer e Teo
Furtado

Apoio à programação
Manuel Moniz Pereira
e Marco Heleno

Corte laser
Project Labb

Apoio à produção
Catarina Lee, João Costa
e Susana Sanches

O conteúdo dos artigos
é da responsabilidade
dos seus autores

Setembro 2017, Porto

Porto.